

CAPA

» IAB-RS

» SOLAR

EDITORIAL

COLUNAS

NOTÍCIAS

AGENDA

SEÇÕES

ENTREVISTAS

» infoIAB-RS

CADASTRO

ASSOCIAR-SE

CONTATO

CONCURSOS EM
ANDAMENTO:RESULTADO
CONCURSOS:

::: > GERAL <:::

:: DISCUSSÃO

Listas de Discussão sobre Arquitetura, Urbanismo, Design, Cad e outras ...

:: LIGAÇÕES

Entidades, Escolas, Bolsas, Pesquisas...

:: NÚCLEOS IAB-RS

Núcleos Regionais do IAB-RS.

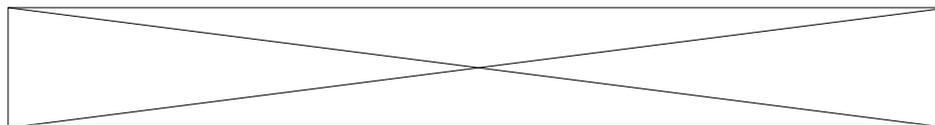
:: CADASTRE-SE

Para receber o InfoIAB-RS toda semana em seu email

:: EXPEDIENTE

Equipe responsável pelo InfoIAB-RS.

.....

**Forma(T)ação**

Análise crítica das relações entre o campo profissional da Arquitetura e o âmbito acadêmico de formação do Arquiteto no Brasil

Elena Salvatori

« « «

O CAMPO PROFISSIONAL I**Popularização e hegemonia da Arquitetura Moderna brasileira, 1930 a 1970**

A criação dos cursos de Arquitetura de Porto Alegre em 1945 ocorre justamente quando a Arquitetura Moderna já é unanimidade no Brasil, para cujo êxito concorre sua precoce associação com o poder instituído desde 1930, data da revolução política que acaba com a chamada *República Velha*.

Com o patrocínio do *Estado Novo* são construídas muitas obras emblemáticas, como o Pavilhão da Feira de New York (1939), o edifício do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro (1936) e o conjunto da Pampulha em Belo Horizonte (1940). Uma das razões de aceitação da Arquitetura Moderna é a grande e positiva repercussão que obtém, sendo objeto de publicações internacionais e de uma histórica exposição no Museu de Arte Moderna de New York, em 1943. Sabe-se hoje que isso não foi produto do azar. A promoção internacional do País foi negociada nas vésperas da II Guerra, como parte de vantagens recebidas por sua aliança com os Estados Unidos, que incluíam financiamento para extração de petróleo e ferro, entre outras. As realizações arquitetônicas, principalmente as efêmeras como o Pavilhão de New York, geram discursos arquitetônicos identificados como a arquitetura corrente do Brasil, sendo uma propaganda muito eficaz e atraindo a crítica internacional e outros arquitetos estrangeiros.



1942. *Alô amigos*, de Walt Disney, lança Joe Carioca

Transfo
o pagam



SIM ao C



TEMPO AC



CUB/R

OUTUBRO

R\$ 951



1953. *O cangaceiro*, de Lima Barreto

O prestígio da Arquitetura junto à esfera política é utilizado como pressão para mudanças consideradas importantes pela categoria profissional, principalmente em relação à estrutura de formação dos arquitetos. As vitórias são frutos da organização representativa, principalmente o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), cujos fundamentos se remontam a 1921. Em 1933 é reconhecida e regulada a profissão, portanto já nos princípios do *Estado Novo*, embora só lhe seja designada a exclusividade para obras de exceção. O IAB se reorganizaria em 1944, quando começa a instalar entidades regionais, ampliando sua influência e organizando os profissionais em âmbito nacional. Em 1945 é reconhecida oficialmente a reivindicação para maior especificidade na formação, com a criação da Faculdade Nacional de Arquitetura. O surgimento de novos cursos amplia a influência da "escola carioca", pois arquitetos formados na ENBA são contratados como professores em todo o território nacional. Mais tarde se trava o último combate com a Academia, pela substituição do plano de estudos de origem acadêmica por um elaborado através de uma larga cooperação entre setores profissionais e estudantis, em 1962. As atribuições deste novo perfil profissional são objeto da Lei 5194, promulgada em 1966, e vigente até hoje.

Os arquitetos são de esquerda?

A recorrente associação dos arquitetos modernos brasileiros às correntes das esquerdas políticas já se encontra nas precoces acusações de "comunista" ou "bolchevique" à Arquitetura Moderna no Brasil por parte de seus detratores da Academia. Vários autores apontam as contradições desta concepção, como Segawa (1999), Barreto (1983), Durand (1972 e 1989) e, ainda, Passaglia (1991). Para isso contribui a histeria anticomunista do nazifascismo europeu, que acaba rapidamente com a Bauhaus, cujas experiências eram atentamente seguidas nos CIAM (bem como as experiências de construção de moradias sociais na Rússia).

A Arquitetura Moderna brasileira recebe inicialmente o patrocínio do Governo totalitário e populista; depois da II Guerra continua recebendo apoio e encargos oficiais dos Governos democráticos; conhece uma etapa de máximo prestígio com a construção da Brasília, em 1960; segue realizando grandes obras nos Governos Militares, pós 1964. Este fenômeno foi comum em muitos países da América Latina, em que a introdução da Arquitetura Moderna se dá através do patrocínio estatal. Realmente há alguns conhecidos arquitetos que pertencem ao Partido Comunista, como Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Demétrio Ribeiro; Edgar Graeff se confessaria admirador da dialética marxista. Niemeyer por esse motivo não recebe visado para viajar aos EUA em 1946, o que não impede que integre a equipe que projeta o edifício da ONU em New York, em 1947. Pelo mesmo motivo se lhe impede de dar aulas na USP em 1951, mas continua a receber encargos oficiais. Há outros casos semelhantes que ocorrem no período Militar, de 1964 a 1985, em que arquitetos destituídos de seus cargos de professores das Universidades são contratados pelo Estado para grandes projetos.

Isto demonstra que o Governo do *Estado Novo*, de tendências fascistas, não é um bloco homogêneo, abrigando diversas correntes

que tratam de defender seus interesses, inclusive contraditórios. E o mesmo ocorre com o posterior Regime Militar. As eventuais restrições se podem fazer às pessoas dos arquitetos, mas não mais à Arquitetura Moderna como no passado. O que parece ser hegemônico é o projeto de modernização associado ao nacionalismo, alimentado pela recorrente questão da construção da identidade nacional dos tempos da *República Velha*. O que proporciona a larga vida que tem a Arquitetura Moderna no Brasil, pois esta perspectiva será uma constante que acompanhará a todos os Governos até meados dos 80.



1955. *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos



1959. *Samba em Brasília*, Watson Macedo

Ou seja, a intelectualidade "progressista" se identifica com as esquerdas políticas, o que não impede que sirva à alta burguesia ou ao poder ditatorial ou o instituído. As correntes modernas são vitoriosas por adequar-se ao "ideário modernizador da burguesia industrial emergente e dos setores médios em ascensão" (Barreto, 1983:52). O discurso do "social" presente nas manifestações dos arquitetos de então se relaciona a sua adesão a este ideário e/ou à esperança de atuar em âmbito urbano, o que seria trabalhar para a "sociedade". Mas a idéia que pode responder possivelmente melhor a esta contradição é de que, *no trajeto de afirmação da profissão no Brasil, parece ser mais importante que a Arquitetura seja importante no momento político que seja*. E assim o será sempre que se apresente a ocasião. Isso fica claro nos esforços para negar as contradições entre o discurso político e a prática, por exemplo, na época do Regime Militar, em que a categoria está dividida entre o rechaço aos atos arbitrários e a sedução pelas reais oportunidades de contribuir ao desenvolvimento, conforme demonstra Duran (1972).

Desenvolvimento do campo de trabalho

Aparentemente, nas décadas de 40 e 50 não há problemas de falta de trabalho para os arquitetos. A atitude emblemática da categoria é de um certo desprezo pela definição legal de suas atribuições, para que contribui o exemplo dos arquitetos de prestígio do momento, seguros que estavam da auto-imposição do gênio criativo. Barreto (1983) chama a atenção que esses, do chamado "grupo carioca", mantinham situações profissionais que lhes permitiam uma certa independência das imposições do mercado, geralmente como funcionários de empresas estatais e outras instituições. As condições de realização das obras no primeiro momento da Arquitetura Moderna brasileira foram excepcionais, e abriam o caminho à aceitação e popularização do trabalho do arquiteto e da nova estética, facilitados pela existência de muitas revistas especializadas e divulgação nos periódicos e outras

publicações de grande circulação. Mas os demais arquitetos trabalham então em condições equivalentes a outros que competem pelo mercado, engenheiros e pequenos construtores, e uma das características é que se responsabilizam da totalidade da construção.

O desenvolvimento do campo é bastante diferente em São Paulo. Apesar de que o primeiro exemplar de Arquitetura Moderna no Brasil foi ali construído, uma pequena residência projetada por Warchavchik em 1927, a construção corrente reproduz os estilos ecléticos ao gosto da clientela local. A atividade profissional está ligada a empresas construtoras e ao canteiro, provavelmente por sua origem nos cursos da Escola Politécnica e da Escola de Engenharia do Colégio Mackenzie. A participação de seus arquitetos se tornaria importante a partir de finais dos 40, com a criação da Faculdade de Arquitetura da USP, pois eles promovem uma crítica às realizações cariocas e acabam por propor a via de desenvolvimento e renovação da Arquitetura Moderna brasileira. A questão ainda é a elaboração de um estilo legitimamente nacional; a vertente corbusiana é criticada por estar a serviço da burguesia internacional, "da classe dominante; uma arma de opressores contra oprimidos", conforme palavras da Vilanova Artigas (apud Segawa, 1999:113).



1952. *Carnaval Atlântida*, de José Carlos Burle

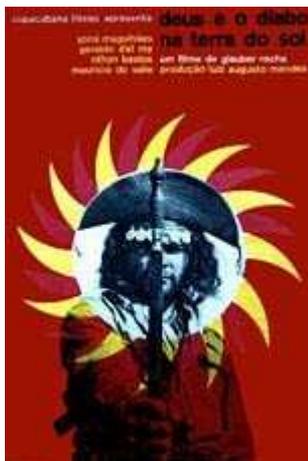


1969. *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade

As divergências em relação à legitimidade da arquitetura proposta como brasileira reativa a discussão entre importantes arquitetos, Niemeyer no Rio de Janeiro, o próprio Artigas em São Paulo e Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff em Porto Alegre e é tema comum nos centros urbanos importantes do país nos anos 50. A questão estava entre a arquitetura de molde internacional e o realismo socialista. Foi importante a autocrítica realizada por Niemeyer em 1958 na qual define novos rumos, ao admitir que o formalismo moderno se esgotou e que sua renovação indicava a adoção da verdade estrutural como geradora do efeito estético. Deste modo não deveria se limitar à lógica formal, mas permitir uma certa liberdade poética. A partir de então Vilanova Artigas se reconcilia com a Arquitetura Moderna, encontra nos fundamentos da doutrina marxista a chave conciliadora entre o universal e o local, e inicia uma renovação que seria conhecida como a "escola paulista", cujo enunciado principal é "a estrutura como arquitetura". A discussão conceitual dessa época ambicionava trazer uma nova dimensão ética e social à Teoria da Arquitetura, que pudesse ser diretamente expressa pelo projeto. Esta vertente produziria exemplares até meados dos anos 70.

É importante também a repercussão deste processo em termos

teóricos, pois Artigas e Graeff seriam os mentores da nova concepção de desenho presente nas propostas de reforma do ensino de 1962, buscando definir um campo de exclusiva competência do o arquiteto. A definição de desenho como atividade projetual, de projeto como a atividade-fim e a posterior estruturação da formação ao redor do ateliê, representava para muitos o encontro do verdadeiro lugar para a arquitetura, resgatada para uma tarefa eminentemente intelectual. Alguns estudos demonstram que os arquitetos da época se referem ao fato de que participam da construção e administração da construção de novos edifícios como uma imposição do mercado, o que não representaria a verdadeira vocação da atividade profissional. Por outro lado o arquiteto, por sua formação generalista, seria apto para atender a demanda por projetos em diferentes áreas, como a da comunicação gráfica e do desenho industrial e a coordenar as equipes multidisciplinares.



1964. *Deus e o Diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha



1970. *Cabezas cortadas*, de Glauber Rocha

Em Porto Alegre a situação inicialmente não era muito diferente de São Paulo. Quando a profissão foi regulada, em 1933, alguns arquitetos estrangeiros que aqui atuavam livremente são relegados à condição de construtores licenciados e os engenheiros passam a dominar o mercado. A realizações dos anos 40 procuram já uma certa simplificação estilística, apoiada principalmente no Art-Déco francês, mas também se encontram exemplares inspirados pela Escola de Chicago, que funcionam como elementos de transição. As obras de destaque são projetadas por arquitetos de outros Estados. As primeiras realizações modernas só ocorrem por influência direta da instalação dos cursos de Arquitetura em 1945, principalmente através das obras posteriores dos diplomados pelo Instituto de Belas Artes. A presença eventual de arquitetos de prestígio nacional e a instalação do IAB em Porto Alegre são outros fatores para a promoção local da Arquitetura Moderna.

Os primeiros anos da década de 60 são de euforia para a categoria, com a construção da Brasília e a reforma do ensino de Arquitetura, através da implantação do Currículo Mínimo. A perseguição de alguns importantes arquitetos, professores e teóricos da Arquitetura pelo Regime Militar, por outro lado, faz com que os arquitetos se unam ainda mais como categoria profissional. O fato, segundo Segawa (1999), pode ter retardado a chegada das discussões pós-modernas no

Brasil. Nessa época a crítica arquitetônica brasileira virtualmente desaparece, reprimida ou confundida com denúncia, muitas revistas especializadas são fechadas pela ditadura, e a arquitetura brasileira se volta sobre si mesma. O mesmo autor evidencia o vazio conceptual que a Arquitetura brasileira sofre então, pois suas formas são reproduzidas sem crítica até meados dos 80.

1. BARRETO, Sônia Marques (1983) *Maestro sem orquestra: um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil: 1820-1950*. Recife, PPGS-UFP. [dissertação de mestrado]
2. CAMPELLO, Cristina de Lorenzi (1992) *Produção arquitetônica dos egressos da Escola de Engenharia e do Instituto de Belas Artes no período 1949 a 1952*. Porto Alegre, FA-UFRGS. [relatório de pesquisa]
3. DURAN, José Carlos G. (1972) *A profissão do arquiteto: estudo sociológico*. Rio de Janeiro, CREA-RJ; (1989) *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855-1985*. São Paulo, Perspectiva.
4. FIORI, Renato Holmer (1992) *Arquitetura Moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951*. Porto Alegre, PPGH-IFCH-PUCRS. [dissertação de mestrado]
5. GRAEFF, Edgar A. (1960) *Arquitetura brasileira*. Porto Alegre, CEUA-FA-UFRGS.
6. PASSAGLIA, Luiz Alberto (1991) *A influência do movimento da arquitetura moderna no Brasil na concepção do desenho e na formação do arquiteto*. São Paulo, PGFAUUSP. [tese doutoral]
7. SEGAWA, Hugo (1999). *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo, EDUSP.
8. WEIMER, Günter (1996) *A criação da primeira Faculdade de Arquitetura no Rio Grande do Sul*. In *Textos escolhidos da arquitetura gaúcha: Estudos Tecnológicos: Arquitetura*. São Leopoldo, Unisinos, V19 n17.

PUBLICADO EM 26/MAI/2004 no InfoIAB-RS

« « «

+ INFO »»

PARCEIROS IAB-RS | EMPRESAS QUE INVESTEM NA CULTURA:



IAB-RS - Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Rio Grande do Sul
CENTRO CULTURAL IAB-RS | SOLAR CONDE DE PORTO ALEGRE
rua General Canabarro, 363 eq. rua Riachuelo - CEP 90010-160 - CENTRO - Porto Alegre / RS / BRASIL
iab-rs@iab-rs.org.br | secretaria IAB-RS: (51) 3212-2552

2002/2007 © IAB-RS - Direitos Autorais Reservados :: desenvolvido por CaféStúdio Internet/Design :: hospedado nos servidores ARQS.C